

Acha-se a cidade de São Paulo situada numa elevação sobre a extensa planície de Piratininga.¹ A arquitetura de suas casas com sacadas de gradil, que ainda não desapareceram aqui, como no Rio, indica mais de um século de existência; contudo, são as ruas muito largas, claras e asseadas, e as casas têm, na maioria, dois pavimentos. Aqui, raramente, se constroi com tijolo, ainda menos com cantaria; levantam-se as paredes com duas filas de fortes mourões ou gradeado, entre os quais se calca o barro (*casas de taipa*), sistema muito parecido com o *pisé* francês. O palácio do governador, antigamente Colégio dos Jesuítas, é de belo estilo, mas, agora, ameaça ruína; também o palácio do bispo e o mosteiro dos carmelitas são edificios imponentes; a catedral e algumas outras igrejas são grandes, embora ornamentadas sem bom gosto; no mais, a feição da arquitetura é insignificante e burguesa.² Possui a cidade três conventos de frades: franciscano, carmelitano e beneditino; cláustros de freiras e dois hospitais. O sr. tenente-coronel Müller tem, fora da cidade, um circo de madeira para touradas, ao que parece construído em boas condições, e merece elogio pela construção de três pontes de alvenaria sobre os riachos: Tamandataí e Inhagabá (*), que se juntam abaixo da cidade.

Nos anais do Brasil, é São Paulo de maior interesse histórico do que todas as outras cidades. Aqui trabalharam antigamente (1552) os santos padres jesuítas Nóbrega e Anchieta, na catequese de uma tribo pacífica de Goianás, sob o mando do cacique Tibiriçá, e, depois de muitas provações que lhes valeram o título de taumaturgos, fundaram, com o auxílio de colonos portugueses de São Vicente, onde existia desde 1527, uma feitoria, a primeira instituição de religiosos no interior do Brasil. Muitas circunstâncias, primeira que tudo, porém, o clima e o gênio manso, fleugmático, dos índios que se cruzaram com os europeus, favoreceram em breve esta colônia; apenas de-

(*) A pronúncia corrente dos dois cursos de água sempre foi Tamandataí e Anhaagabá. O primeiro quer dizer "rio do tamanduá grande"; e o segundo significa "rio da diabrura" (Nota do revisor).

corrido um século, já encontramos os paulistas na atividade de arrojadadas empresas. Ora levam eles, depois que a pátria ficou sob o domínio espanhol, a guerra às distantes províncias espanholas, incitados pelo desejo da independência e liberdade portuguesa; ora aventuram-se, levados pela cobiça do ouro, em todas as direções, ao interior, e exercem por seus felizes descobrimentos decisiva influência sobre o país inteiro, e até sobre a mãe-pátria. Em consequência dessas façanhas, nota-se de um lado mais livre desenvolvimento das condições civis, ainda que de outro lado rixas entre famílias, quasi do mesmo gênero que os feudos entre os pequenos Estados da Itália, na idade média, luta exarcebada contra a colônia vizinha rival de Taubaté; assim, no espaço de cento e cinquenta annos, pouco mais ou menos, desenrola-se diante da vista do observador a história dessas lutas íntimas de famílias, que se propagaram pela província a fora. Nesse sentido, distingue-se São Paulo, entre todas as cidades do Brasil, e mais do que em qualquer outro ponto, nessa ligação do presente com o passado. Este sentimento, tem-no o paulista, e ele diz a si mesmo, não sem orgulho, que a sua pátria possui uma história própria, encadeada poderosamente à de seus vizinhos, embora remontando a poucos séculos apenas.

Deve-se levar em conta, sobretudo esta circunstância, para atenuar o juízo desfavorável que se costuma fazer sobre o caráter do paulista. As narrações de escritores mais antigos descrevem os paulistas como um povo sem leis, avesso a qualquer restrição de costumes e sentimentos, e que até por isso se separaram do domínio português e formaram uma república autónoma. Este juízo foi confirmado pelos relatórios dos jesuítas, os quais sem dúvida tinham razão de estar descontentes com o procedimento dos paulistas de então. A partir de 1629 (1), invadiram estes últimos diversas vezes as reduções dos jesuítas no Paraguai e, com incrível crueldade, trouxeram consigo todos os índios, como escravos. Essas expedições flibusteiras, assim como as empresas na busca de ouro em Minas, Goiaz e Cuiabá, deram ao caráter do paulista daquela época feição de dureza egoística e insensibilidade, attribuindo-lhes menosprezo pela lei e por todos os mais sagrados sentimentos de humanidade; isto devia atrair sobre eles a mais viva reprobção dos padres, devotados ao bem geral. Atualmente, porém, essa natureza rude se suavizou, e o paulista goza, em todo o Brasil, da fama de grande franqueza, coragem invencível e romântico pendor para afrontar aventuras e perigos. Na verdade, com

(1) Southey, "History of Brasil", vol. II, págs. 300 e segs.

esses dotes generosos, o seu caráter adquiriu também um traço de impetuosidade nas cóleras e vinganças, de orgulho e inflexibilidade, e, por essa razão, é temido pelos vizinhos; o estrangeiro não vê no seu modo altivo senão seriedade fria e caráter; acha que a sua franqueza cordial e hospitalidade são traços amáveis, que a sua indústria é atividade própria de zona temperada e fica conhecendo menos que os vizinhos os seus defeitos. O orgulho dos paulistas pode somente ser desculpado, por poderem eles gabar-se de que as façanhas de seus antepassados lhes dão direitos sobre a nova parte do mundo, direitos que não tem o colono europeu. Que os primitivos habitantes se cruzaram frequentemente com os índios da vizinhança, ninguém duvida, e, pela cor da cutis e formato do rosto, o povo daqui faz lembrar, mais do que em outras cidades do Brasil, por exemplo Baía e Maranhão, esse cruzamento. Demais, aqui se têm estabelecido brancos em número cada vez maior. Antigamente foi a capitania de São Paulo, então chamada São Vicente, procurada por muitos espanhóis, que, entre outros, ali foram ter, depois do insucesso da expedição do adelantado d. Pedro de Mendoza ao Paraguai (1538-1546), assim como mais tarde, no princípio do século dezoito, e cujos vestígios ainda se reconhecem nos nomes espanhóis de famílias. Muitos paulistas conservaram-se sem a mistura com os índios, e são tão brancos, mesmo mais claros, do que o colono europeu puro nas províncias do norte do Brasil. Os índios, filhos de mestiços, *mamelucos*, conforme o grau da mistura, têm a pele cor de café, ou amarelo-clara, ou quasi branca.

Fica, porém, no rosto largo, redondo, com maçãs salientes, nos olhos negros não grandes, e numa certa incerteza do olhar, mais ou menos, a revelação do cruzamento com o índio. No mais, os principais traços do paulista são estatura alta, peito largo, feições fortemente acentuadas, que indicam franqueza e desembaraço; os olhos são pardos, raras vezes azues, cheios de vivacidade e enérgicos, o cabelo basto, preto e liso, musculatura rija, agilidade e segurança de movimentos. Com razão se considera o paulista como o mais forte, saudável e enérgico habitante do Brasil. O vigor muscular com que amansam cavalos bravios e o gado selvagem por meio de laço é tão maravilhoso, como a facilidade com que suportam contínuos trabalhos e canseiras, fome e sede, frio e calor, intempéries e privações de toda a sorte.

Nas suas viagens pelos rios caudalosos, que levam a Cuiabá e a Mato-Grosso, eles demonstram o mesmo arrôjo e resistência de outrora nos perigos e fadigas contínuas, e um irresistível ansio de aventuras incita-os sempre a fazer viagens longe da terra natal.

De província alguma andam por todo o Brasil espalhados tantos colonos como os de procedência paulista. Esse espírito de aventuras, herança dos antepassados, permanece imperioso neles. Pode-se em geral descrever o paulista como melancólico e de gênio um tanto forte. De certo modo indica a sua constituição moral a zona em que habita; pois, quanto mais próximo do equador, tanto mais pronunciado se encontra o gênio susceptível de cólera. As paulistas da capital têm em comum com o sexo masculino ingenuidade e bondade. O tom da conversa em sociedade é jovial e natural, animado por pilhérias engraçadas. E' injustiça acoiiná-las de levianas. Embora a sua conversação faça vivo contraste com o modo mais requintado de suas antepassadas européias, a quem a severa etiqueta não permitia expansões ingênuas, entretanto a sua jovialidade sem afetação não destoa nesta província do Brasil, conservando a naturalidade e franqueza. As paulistas são esbeltas, porém de constituição forte, graciosas nos gestos, e nos traços fisionômicos do belo rosto redondo se demonstra alegria expansiva. Também o colorido de sua cutis é menos pálido do que o da maioria das brasileiras, e, por essa razão, são consideradas as mais formosas mulheres do Brasil (2). Reflexão e tendência para cogitações subtis são qualidades atribuídas particularmente aos paulistas; também eles e os pernambucanos são, entre os brasileiros, os mais inventivos e ilustrados. O estudo da teologia era aqui antigamente muito animado pelos jesuitas, em cujos colégios se prepararam muitas personalidades distintas.

Os clássicos latinos são estudados com afincio no ginásio, si é que se possa dar tal nome ao instituto existente aqui para a instrução da mocidade. Também o estudo da filosofia, que antes era aqui, assim como na maioria das escolas brasileiras, ensinado por um livro antiquado, modelado pelas teorias de Brucker, tomou outro rumo recentemente, desde que a filosofia de Kant se tornou acessível aos pensadores brasileiros, pela tradução de Viller. O lente substituto de filosofia, Antonio Ildefonso Ferreira, a quem fomos apresentados pelo pai, em Ipanema, depois de nossa partida de São Paulo, havia-se imbuído do sistema filosófico do norte, e foi para nós agradável surpresa encontrar palavras e conceitos da escola alemã implantados no solo da América. Assim, o sul mais frio do novo continente acompanha a civilização, que, empolgando-o rapidamente, não só se apropria dos estudos e conhecimentos

(2) Um ditado popular, que trata dos característicos humanos de certas províncias, enaltece as paulistas. Reza o seguinte: "Na Baía, merecem gabos *elas* e não *elas*; em Pernambuco, *elas* e não *elas*; em São Paulo, *elas* e *elas*."

chamados práticos, mas, igualmente, das cogitações abstratas de alta transcendência. A disseminação da sabedoria humana deu, nos últimos séculos, nua e rápida passadas de uma para outra parte do mundo, do que nas eras antigas deu do Egito para a Grécia, ou daí para Roma.

A única biblioteca da cidade, além da do Convento dos Carmelitas, é a do venerando bispo, que, embora muito idoso, ainda conserva grande interesse pelos assuntos científicos, e, com vivo entusiasmo, mostrou-nos êle próprio a sua livraria. Ela contem bom número de obras históricas, canônicas, velhos clássicos, e é um importante meio de instrução para os jovens seminaristas, que fazem durante alguns anos estudos teológicos no seminário daqui, até receberem as ordens, para cuja imposição parece que aqui se é menos severo do que no Rio, Pernambuco e outras partes.

O número de habitantes da cidade de São Paulo, segundo o último recenseamento, incluindo as freguezias subordinadas, eleva-se a pouco mais de 30.000, sendo metade de brancos, ou supostos brancos, metade de pretos ou gente de côr. O total da população da capitania de São Paulo, segundo os dados oficiais, como explicamos no fim deste capítulo (*), era, no ano de 1808, de 200.478 almas; no ano de 1814, 211.928; e, no ano de 1815, de 215.021.

E, sobretudo, animador o resultado dado pela tabela estatística, quanto à proporção da natalidade. Conta-se, em geral, um nascimento sobre 28 habitantes, sendo a proporção de mais alta natalidade, conhecida em quinze aldeias dos arrabaldes de Paris = 1: 22,7, e, em trinta e nove aldeias holandesas = 1: 23,5; aqui, porém, conta-se já um nascimento sobre vinte e um habitantes. A proporção da mortalidade, que é de 1:46, segundo a estatística, é, também, menor do que a verificada nas nossas povoações dos campos. Os escravos negros têm incomparavelmente menos filhos, o que, entretanto, pelas condições do sexo feminino para o masculino (= 16: 22), ainda não se explica bem.

Em parte, talvez, seja devido a serem os escravos homens empregados, em geral, na lavoura e no pastoreio do gado, a maior parte do ano sós nas distantes chácaras e fazendas de criar gado; as mulheres, ao contrário, permanecem ocupadas nos misteres caseiros. Como não nos foi possível obter uma informação de toda a confiança sobre o número dos escravos negros introduzidos na capitania, assim, não ousamos, também, citar a progressão havida no incremento dessa parte da população. Um fa'ô, porém, é certo: que apenas

(*) Vejam-se as tabelas, em número de sete, que se encontram no fim deste capítulo (*Notas do revisor*).

poucas províncias do Brasil, como o Rio Grande do Sul e Rio Negro, ainda recebem diminuto número de escravos da Africa, ao passo que as restantes recebem muito maior número. Também se tem notado que o ar frio da montanha e especialmente as noites frescas são prejudiciais à saúde da raça negra, acostumada aos grandes calores. Os pretos vindos dos altos campos de montanha, a oeste de Benguela, devem mais facilmente aclimar-se aqui.

Entre os moradores de São Paulo, o gosto pelo luxo europeu ainda não se desenvolveu tanto como entre os ricos baianos, pernambucanos e maranhenses. Cuida-se mais do asseio e da comodidade na disposição da casa do que de elegância e suntuosidade, e, em vez do mobiliário leve americano e dos espelhos franceses, encontram-se nas salas daquelas províncias cadeiras enfileiradas, pesadas, que datam de longos decênios, e um pequeno espelho com a sua moldura da manufatura de Nüremberg, no qual um alemão imaginará reconhecer um compatriota. Em vez das grandes lâmpadas de vidro ou castiçais com velas de cera, campeia no meio da mesa um lampeão de latão, no qual se queima azeite de mamona (*Ricinus communis*). No tom da sociedade nota-se ainda pouca influência da Europa.¹¹ Mais raro do que nas demais capitanias, o jôgo de cartas é aqui o animador do entretenimento, sendo, por isso, mais alta a conversa, que é alternada com dansas e cantigas. Durante a nossa estada, houve uma tourada no circo. Mandam vir os touros do sul da província, e, particularmente, de Curitiba, onde, criados em plena liberdade nos vastos campos, conservam a necessária braveza. Desta vez, entretanto, não pareciam muito bravas as feras e também os *matadores* (em geral, gente de côr), eram muito inferiores, em agilidade e audácia, aos seus colegas espanhóis. Este divertimento é, sem dúvida, avesso ao gênio do português, e, numpais onde a natureza arna tantos inimigos possantes contra o homem, é duplamente com má vontade que se vê o útil animal doméstico servir de comparsa em tão cruel espectáculo.

Também não faltavam, então, espetáculos dramáticos em São Paulo. Assistimos, no teatro construído em estilo moderno, à representação da opereta francesa *Le déserteur*, traduzida para o português. A peça evocava o tempo em que a carruagem de Téspis andou nas ruas de Atenas pela primeira vez. O conjunto de atores, pretos ou de côr, pertencia à categoria daqueles de quem Ulpiano ainda dá *levis nota maculam*. O ator principal, um barbeiro, emocionou profundamente os seus concidadãos.

Os característicos das doenças em São Paulo divergem singularmente das do Rio, o que deve provir tanto da diversidade das condições físicas dos habitantes, como do clima. Aqui se encontram, mais comuns do que nas províncias do norte, o reumatismo e estados inflamatórios, sobretudo dos olhos, peito, pescoço, e, por consequência, tuberculose dos pulmões e da laringe e blemas